

GAMBOA

PMS / FMLF
BIBLIOTECA

Jornal:

A Tarde

Data:

02/08/08

Caderno:

Página:

Subsídio 06

Ação:

Assunto:

Bairro

Onde eu moro



RECANTO | Dividido em "de Cima" e "de Baixo", nicho urbano está localizado em um dos pontos mais bonitos da capital baiana

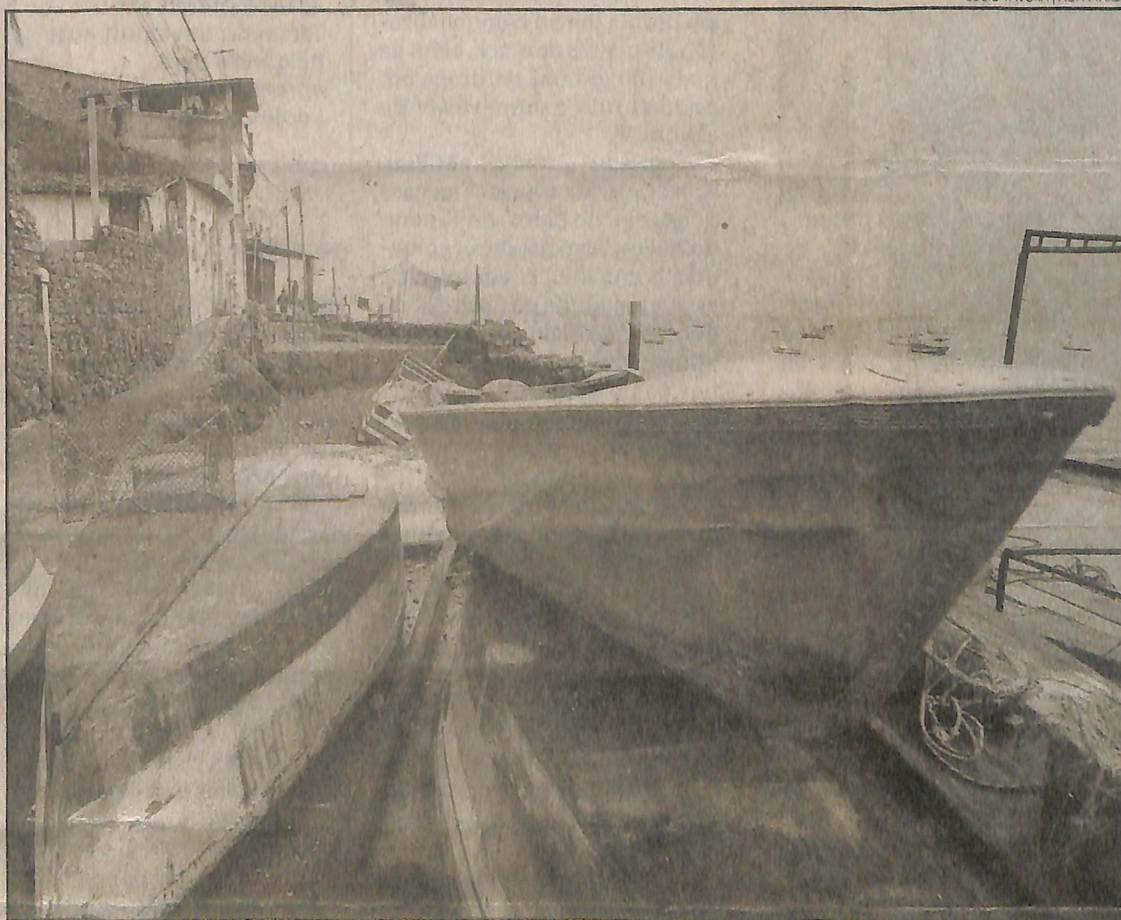
Mar, beleza e Gamboa

GEORGE BRITO

gbrito@grupoatarde.com.br

Em 1962, a construção da Avenida Lafayette Coutinho, a Contorno, traçou em tons mais definidos as fronteiras entre Gamboa de Baixo e de Gamboa de Cima. Sobre a avenida, por assim dizer, gente do Centro da Cidade Alta, sob ela, os *ribeirinhos* da Baía de Todos os Santos. Às Gamboas, os aspectos geográficos põem limites, mas também criam laços.

Não há dúvidas: de cima ou de baixo, na Gamboa a curtição é sempre apreciar da própria janela a imensidão do mar da Baía e gozar do clima de tranquilidade, sensível pela brisa que alisa os cabelos de moradores ali chegados há muitos anos, testemunhas oculares das mudanças vindas com o passar do tempo. Sem dúvidas, também, que, sob a mesma rubrica, as histórias pedem acentos diversos, basta subir ou descer pelas ruas, becos e vielas do lugar. As duas localidades, embora, a rigor, não sejam bairros (fazem parte, oficialmente, do bairro 2 de Julho) têm iden-



LÚCIO TÁVORA | AG. A TARDE

| Histórias de gente |



CULINÁRIA | O restaurante Beira Mar já recebeu até convidados famosos, do Brasil e de fora, conta Mônica. O jogador Vampeta e uma cantora estrangeira, que ela não lembra o nome, degustaram o tempero da muqueca de arraia.

te, do bairro 2 de Julho) têm identidade urbana auto-referente.

As pessoas não moram no Largo dos Aflitos ou na Rua Barbosa Leal. "Quanto tomo um táxi, digo ao motorista: 'vou para a Gamboa'. Ele pergunta: de Baixo ou de Cima? E eu: 'de Cima'", conta Arlete Borges, 83 anos.

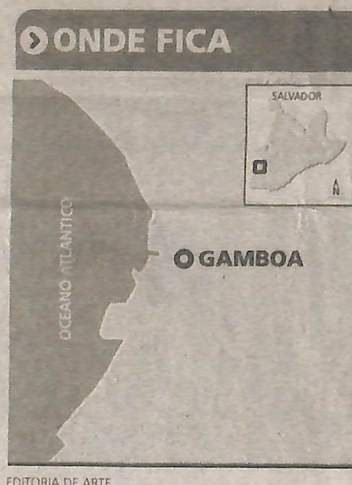
COMUNIDADE—Gamboa de Cima dá nome à rua e é endereço oficial. Gamboa de Baixo não, nomeia popularmente uma comunidade e as correspondências de lá têm destino à Rua Barbosa Leal. Outrora, a Rua Gamboa de Cima já se chamou Newton Prado, mas, no governo municipal de Antônio Carlos Magalhães (1967-70), o lugar re-

cuperou nas placas o nome original, lembra dona Arlete.

É mais um detalhe entre as diferenças de *altitude*. Embaixo, pessoas com menor poder aquisitivo, tiram o sustento, sobretudo, da pesca. Em cima, gente de classe média, ocupando espaços urbanos mais organizados, enquanto, embaixo, os lugares foram sendo improvisados por gente vinda do interior.

Pelos arredores, além da imponente pujança natural, história e cultura da Soterópolis. Museu de Arte Moderna da Bahia e resquícios do Forte São Paulo

Ar bucólico à beira-mar é uma marca forte no dia-a-dia da Gamboa, nicho urbano na Av. Contorno



EDITORIA DE ARTE

compõem o cenário da Gamboa de Baixo. Para a *irmã*, acima, entram em cena o Teatro Vilha Velha, o Quartel dos Aflitos, o Forte São Pedro e o Teatro Gamboa Nova. Sem esquecer do restaurante Chez Bernard, de comida tradicional francesa, há 43 anos na praça, velho conhecido de turistas e dos soteropolitanos.

Menos famoso, mas onde turistas degustam comida típica baiana, há um correspondente, mais simples do Chez Bernard, na Gamboa de Baixo: o restaurante Beira Mar, tocado pelas irmãs Ana e Mônica Arcela.



MEMÓRIA | Dona Marinalva ainda lembra do tempo que subia direto da Gamboa para o Campo Grande, onde havia um bambuzal. Havia várias fontes de água mineral, antigos casarões de engenho, árvores... A memória viaja.

Moradores e suas lembranças

Os pés de Júnior Souza, 6 anos, passeiam descalços e serelepes pelas vielas e becos da Gamboa de Baixo, pisando o chão outrora marcado por pés bem de negros escravos, índios e de antigos pescadores. Os homens que vivem do mar, inclusive, foram os que forjaram a comunidade que hoje vemos à margem da Avenida Contorno. A Gamboa de Baixo, se pedida uma definição resumida, é uma vila de pescadores que cresceu — hoje vivem ali cerca de 300 famílias. Mas, nem todos são pescadores ou filhos de pescadores. Há atletas, artistas, comerciantes, funcionários públicos, trabalhadores diversos.

O pequeno Júnior mesmo quer ser "doutor", embora já jogue a isca ao mar desde pequeno. Enquanto não vira médico, ele é companhia obrigatória para se explorar o labirinto em declive da Gamboa de Baixo. Pelas escadarias, antes ladeiras de barro, ao lado do pequeno pescador, as histórias vão sendo resgatadas pelas memórias dos moradores mais antigos. "Aqui havia muitas árvores. Mangueiras, pitangueiras, jaqueiras, bambuzal, tudo. Era a roça de dona Estela", conta Doralice Texeira Pinto, 68 anos, nascida e criada no lugar.

A casa dela está localizada na Rua Barbosa Leal, mas até hoje a referência do local segue tempos idos. "O povo ainda fala: 'vamos para a roça', explica dona Dora, como é chamada pelos vizinhos. Nas lembranças estão também os temporais e a invasão da maré alta, que, "há muito tempo", chegou a arrastar a mãe dela até a Praia da Preguiça, bem perto do Solar do Unhão.



A Gamboa de Cima tem perfil de bairro de classe média



Escadarias e vielas nos caminhos simples da Gamboa de Baixo

a saudade: onde hoje vive, com filhos, netos e bisnetos, era antes um casarão de senhor de engenho. "Está vendo ali? Antes existia uma subida que dava direto no Campo Grande", aponta a mãe de pescadores para atrás da casa humilde, onde só se pode vê matagal e pedras. As recordações começam a fluir.

Os pais dela, Albertina da Silva e Osvaldo Fabriciano de Freitas,

Notícia integrada: A TARDE publica, todo sábado, a série Onde Eu Moro, com bairros da Grande Salvador. Na próxima edição, será a vez de Novos Alagados. Quem mora, trabalha ou frequenta o bairro pode mandar sugestões até quinta-feira, contribuindo com a matéria |

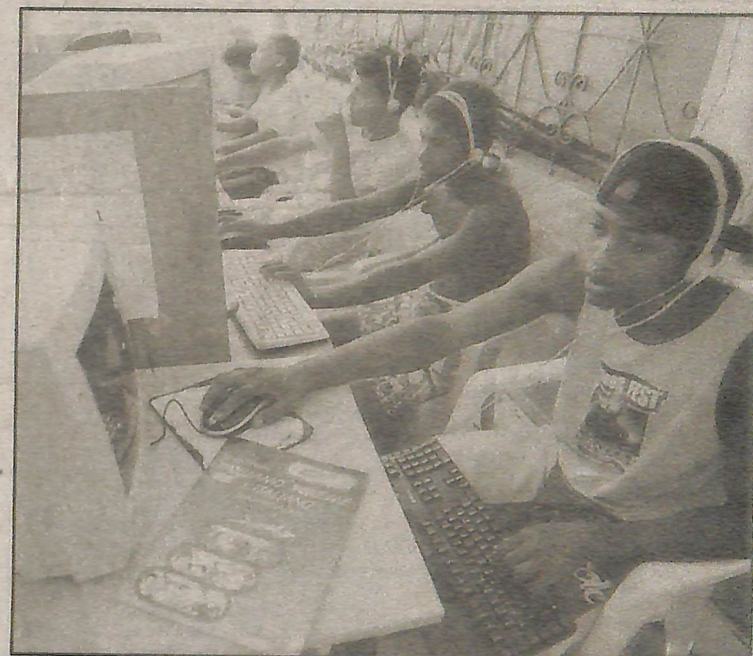
te lutou muito para ficar aqui", ressalta. São histórias contadas a Marinalva pela tia dela, Judite da Silva, que "o tempo já levou".

Como tia Judite, as marcas do tempo também são boas contadoras de histórias. Os trilhos dos canhões do Forte São Paulo da Gamboa ainda permanecem lá, resistindo aos anos. Os canhões, não, já se foram: "O último é aquele que está hoje na Lapa", conta Valdete de Almeida Sapucaia, 80 anos, a dona Detinha, a moradora mais antiga da Gamboa de Baixo.

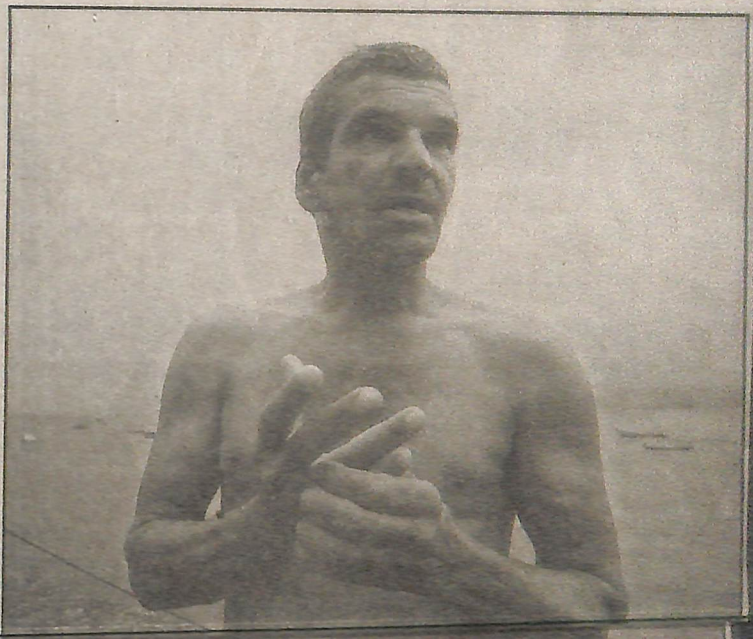
Nos arredores da casa dela, onde mora há 68 anos, encontram-se legados históricos distantes e outros bem recentes. A rua da anciã chama-se Hamilton Sapucaia, em homenagem a um ex-sargento da Polícia Militar, falecido há cinco anos. Era marido dela e pescador. Nesta rua encontra-se o Forte São Paulo, chamado de "fortaleza" pela comunidade, onde hoje são realizadas mostras de cinema, teatro, dança e feiras de saúde. Ao lado da casa de Detinha, ainda encontram-se espécies de grutas, antes, muito antes, dormitórios de escravos.

As senzalas também ocuparam o lugar onde hoje vivem cerca de 500 pessoas. Elas formam a comunidade do Solar do Unhão, que pela proximidade e semelhanças físicas é às vezes confundida com a Gamboa de Baixo. São 152 casas com "varanda" para a Baía, o que atraiu estrangeiros, proprietários de casas na localidade. Hoje, um *gringo* mora na comunidade e outros sete possuem imóveis, os quais visitam esporadicamente, segundo os vizinhos.

A paisagem exuberante é o la-



NOVA GERAÇÃO | A diversão dos parentes antigos sempre foi pegar peixe e aventuras no mar. Mas, a modernidade também chegou à Gamboa de Baixo e, há três meses, os meninos agora se dividem entre os computadores e as iscas de pesca.



cias de lá tem destino à Rua Barbosa Leal. Outrora, a Rua Gamboa de Cima já se chamou Newton Prado, mas, no governo municipal de Antônio Carlos Magalhães (1967-70), o lugar re-

gente vinda do interior. Pelos arredores, além da imponente pujança natural, história e cultura da Soterópolis. Museu de Arte Moderna da Bahia e resquícios do Forte São Paulo



EDITORIA DE ARTE

ristas degustam comida típica baiana, há um correspondente, mais simples do Chez Bernard, na Gamboa de Baixo: o restaurante Beira Mar, tocado pelas irmãs Ana e Mônica Arcela.



MEMÓRIA | Dona Marinalva ainda lembra do tempo que subia direto da Gamboa para o Campo Grande, onde havia um bambuzal. Havia várias fontes de água mineral, antigos casarões de engenho, árvores... A memória viaja.

Moradores e suas lembranças

Os pés de Júnior Souza, 6 anos, passeiam descalços e serelepes pelas vielas e becos da Gamboa de Baixo, pisando o chão outrora marcado por pés bem de negros escravos, índios e de antigos pescadores. Os homens que vivem do mar, inclusive, foram os que forjaram a comunidade que hoje vemos à margem da Avenida Contorno. A Gamboa de Baixo, se pedida uma definição resumida, é uma vila de pescadores que cresceu – hoje vivem ali cerca de 300 famílias. Mas, nem todos são pescadores ou filhos de pescadores. Há atletas, artistas, comerciantes, funcionários públicos, trabalhadores diversos.

O pequeno Júnior mesmo quer ser “doutor”, embora já jogue a isca ao mar desde pequeno. Enquanto não vira médico, ele é companhia obrigatória para se explorar o labirinto em declive da Gamboa de Baixo. Pelas escadarias, antes ladeiras de barro, ao lado do pequeno pescador, as histórias vão sendo resgatadas pelas memórias dos moradores mais antigos. “Aqui havia muitas árvores. Mangueiras, pitangueiras, jaqueiras, bambuzal, tudo. Era a roça de dona Estela”, conta Doralice Texeira Pinto, 68 anos, nascida e criada no lugar.

A casa dela está localizada na Rua Barbosa Leal, mas até hoje a referência do local segue tempos idos. “O povo ainda fala: ‘vamos para a roça’, explica dona Dora, como é chamada pelos vizinhos. Nas lembranças estão também os temporais e a invasão da maré alta, que, “há muito tempo”, chegou a arrastar a mãe dela até a Praia da Preguiça, bem perto do Solar do Unhão.

MÃE – Uma pausa, mão na testa, Marinalva de Freitas Araújo, 60 anos, também filha da Gamboa, escora-se na parede de casa. E aí,



A Gamboa de Cima tem perfil de bairro de classe média



Escadarias e vielas nos caminhos simples da Gamboa de Baixo

a saudade: onde hoje vive, com filhos, netos e bisnetos, era antes um casarão de senhor de engenho. “Está vendo ali? Antes existia uma subida que dava direto no Campo Grande”, aponta a mãe de pescadores para atrás da casa humilde, onde só se pode vê matagal e pedras. As recordações começam a fluir.

Os pais dela, Albertina da Silva e Osvaldo Fabriciano de Freitas, já falecidos, chegaram à Gamboa ainda novos, refugiados da Guerra de Canudos (1896-97). “A gen-

i Notícia integrada: **A TARDE** publica, todo sábado, a série Onde Eu Moro, com bairros da Grande Salvador. Na próxima edição, será a vez de Novos Alagados. Quem mora, trabalha ou frequenta o bairro pode mandar sugestões até quinta-feira, contribuindo com a matéria | Veja galeria de fotos da Gamboa, bairro enfocado hoje, no Portal A TARDE Online | www.atarde.com.br |

te lutou muito para ficar aqui”, ressalta. São histórias contadas a Marinalva pela tia dela, Judite da Silva, que “o tempo já levou”.

Como tia Judite, as marcas do tempo também são boas contadoras de histórias. Os trilhos dos canhões do Forte São Paulo da Gamboa ainda permanecem lá, resistindo aos anos. Os canhões, não, já se foram: “O último é aquele que está hoje na Lapa”, conta Valdete de Almeida Sapucaia, 80 anos, a dona Detinha, a moradora mais antiga da Gamboa de Baixo.

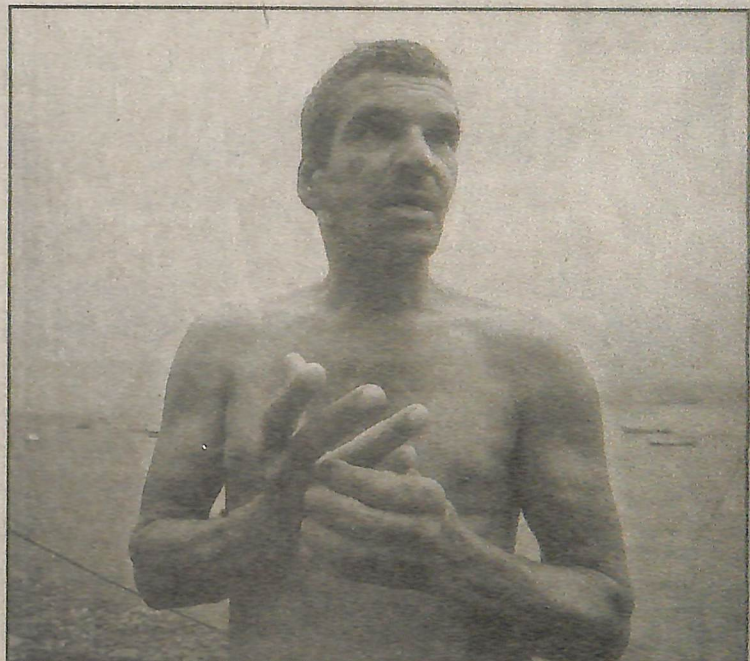
Nos arredores da casa dela, onde mora há 68 anos, encontram-se legados históricos distantes e outros bem recentes. A rua da anciã chama-se Hamilton Sapucaia, em homenagem a um ex-sargento da Polícia Militar, falecido há cinco anos. Era marido dela e pescador. Nesta rua encontra-se o Forte São Paulo, chamado de “fortaleza” pela comunidade, onde hoje são realizadas mostras de cinema, teatro, dança e feiras de saúde. Ao lado da casa de Detinha, ainda encontram-se espécies de grutas, antes, muito antes, dormitórios de escravos.

As senzalas também ocuparam o lugar onde hoje vivem cerca de 500 pessoas. Elas formam a comunidade do Solar do Unhão, que pela proximidade e semelhanças físicas é às vezes confundida com a Gamboa de Baixo. São 152 casas com “varanda” para a Baía, o que atraiu estrangeiros, proprietários de casas na localidade. Hoje, um *gringo* mora na comunidade e outros sete possuem imóveis, os quais visitam esporadicamente, segundo os vizinhos.

A paisagem exuberante é o laço entre as Gamboas e o Unhão. “Não negocio a casa, mas a vista”, disse Carlos Guedes, 61, morador há 50 da Gamboa de Cima.



NOVA GERAÇÃO | A diversão dos parentes antigos sempre foi pegar peixe e aventuras no mar. Mas, a modernidade também chegou à Gamboa de Baixo e, há três meses, os meninos agora se dividem entre os computadores e as iscas de pesca.



AVENTURAS | O pescador Arcela lembra dos temporais que enfrentou em mais de 20 anos de aventuras no mar. A Baía de Todos os Santos é de onde tira seu sustento. “Tenho meu barco e não morro de fome”, diz. Dali ele não sai, garante.